

Após leitura do Prefácio de José Carlos Libâneo, do livro "Formação de professores no Brasil: leituras a contrapelo", dos autores Allan Kenji e Olinda Evangelista, ficou claro que, no pensamento do autor, a escola e o professor divergem no que diz respeito às suas formas de ensino. O currículo proposto pela escola impõe a educação voltada ao mercado de trabalho e à futura produção de capital, enquanto o professor quer formar alunos cidadãos. Visto que os professores têm de seguir o currículo em questão, faltam a eles a liberdade para formar o aluno de maneira que o mesmo seja capaz de possuir autonomia em sociedade, e não apenas desenvolva uma educação dirigida ao trabalho.

Ademais, a análise do vídeo produzido por Giovanni Alves: "Trabalho docente trabalho doente", é que, antigamente, os professores tinham mais tempo para se dedicar a pesquisas, organizar os conteúdos para as aulas, liberdade na escolha de conteúdos e métodos de ensino, e também possuíam um salário maior, de acordo com o seu grau de estudo. Em contra partida, hoje em dia o professor não tem mais tanta autonomia, o salário digno de sua profissão diminuiu, assim como o tempo para preparar suas aulas. E quando se fala de escolas e faculdades particulares, a situação piora, é comum que o professor receba seu salário em função das aulas que aplica. Assim, sobra pouco tempo - em que o mesmo é pago - para a preparação de aulas e dedicação para a pesquisa e a extensão.